

“WRAPPING UP”¹

CLAÚDIA T. G. DE LEMOS
(UNICAMP)

A convite dos organizadores do Encontro sobre aquisição da Gramática, coube-me a fala de encerramento, ou melhor, a tarefa que o título que a essa fala foi dado - “Wrapping up” - indica. Para cumpri-la, assisti a todas as apresentações com a atenção necessária para discernir as questões a que remetiam tanto as reflexões teóricas contidas nas conferências e em algumas das comunicações, quanto as que se podiam inferir das pesquisas empíricas cujos resultados foram apresentados.

Meu ponto de partida foi a fala inaugural de Mary Kato que, através de seu título, já anunciava o teor da reunião: “A aquisição do saber sintático: questões e problemas”. A saber, seu foco nas questões e problemas que se levantam a cada passo da pesquisa e que impõem ao pesquisador que ele se detenha para refletir sobre o tipo de pesquisa ou de teorização que o solucionaria. A isso eu teria acrescentado, repetindo o que Chomsky repetiu ao longo de sua obra, isto é, que há **problemas**, mas que também há **mistérios**, isto é, problemas que estão fora do escopo da teoria.

Com efeito, todos os trabalhos apresentados fazem referência ao que resiste à análise e se configura como problema ou questão e que, a meu ver, pode ser agrupado em torno de dois eixos.

O primeiro tem a ver com o que eu chamo de **heterogeneidade** e o que é conhecido como **variação**, termo genérico oficializado pela Sociolinguística. Ele se faz presente tanto na conferência de Shana Poplack quanto na de Antonio e Charlotte Galvez, assim como na apresentação de Wilma Correia. Note-se que a variação é um problema que Chomsky soluciona através da **idealização da comunidade homogênea**, enquanto a maioria dos gerativistas que se dedicam à aquisição da gramática, talvez inspirados pela psicologia da Psicolinguística, tentam resolvê-lo com um tratamento estatístico dos dados. Através desse procedimento, aplicado tanto a *corpora* longitudinais observacionais quanto a dados obtidos em experimentos, o critério de delimitação de estágios ou de fixação de um determinado parâmetro é a dominância de um certo tipo de estrutura.

Em nenhum dos casos, deixa de sobrar um **resto**. Esse resto só se torna um problema teórico quando se considera o problema da Aquisição de Linguagem,

¹ O presente texto é uma versão resumida do apresentado oralmente na evento em questão. Uma versão mais extensa e escrita em conformidade com as normas de publicação de artigos será enviada, quando terminada, a um periódico especializado.

originalmente definido na gramática gerativa como um **problema lógico**, como um **problema empírico**. Convém notar aqui que essa é uma questão pertinente, na medida em que a simples descrição da fala da criança empreendida pelos gerativistas implica em assumir o problema como empírico. A propósito, a resposta dada por Jürgen Meisel a uma pergunta que lhe foi feita por Mary Kato, logo após a conferência do primeiro, continha uma afirmação da necessidade de ver “o conhecimento atribuído à criança ou ao aprendiz refletido nos dados de fala.”

A variação não é um problema só **para** a aquisição, mas é ainda uma questão **da** aquisição. Com efeito, os dados da criança ou do aprendiz não são homogêneos, podendo ser encontrados, na mesma sessão de gravação, indícios tanto positivos quanto negativos relativamente a determinado conhecimento gramatical. Nem há homogeneidade teórico-interpretativa, já que aspectos que dizem respeito a um **saber sintático**, têm sua presença na fala da criança explicada muitas vezes pelos chamados **fatores pragmático-discursivos**. Isso não seria um problema se fosse possível relacionar saberes de natureza supostamente diversa. (Ver, por exemplo, a menção de Mary Kato ao preenchimento do auxiliar em enunciados que não sejam respostas curtas).

De novo, volto a Chomsky para lembrar que a heterogeneidade da fala da criança – na medida em que coloca obstáculos à identificação e à ordenação dos estados intermediários, isto é, aos estados que se sucedem de Szero a Ss, e que o confronto com esses obstáculos pode levar a soluções que põem em risco a congruência da teoria- é por ele afastada com base em um procedimento considerado válido para a ciência moderna galileana. Esse procedimento, que ele mesmo chama de **idealização da aquisição instantânea**, tem além disso, o efeito de recolocar o problema lógico no centro da reflexão gerativista sobre a aquisição de linguagem. Cabe salientar aqui o interesse que o modelo matemático proposto por Charlotte e Antonio Galvez toma neste contexto, enquanto tentativa de solução teórica para o problema empírico representado pela exposição da criança à variação lingüística.

Os comentários acima não me impedem de louvar a insistência dos gerativistas voltados para o empírico representado pela fala da criança, ainda que eu me sinta à vontade para dizer que esse empenho é teórica e epistemologicamente incompatível com a posição de Chomsky. Suas idealizações e sua defesa do experimento com base na compreensão como lugar de refutabilidade de proposições empíricas sobre os estados de conhecimento da criança apontam para essa incompatibilidade. Note-se ainda que, mesmo quando o Programa Minimalista se abre para abrigar uma teoria do desempenho, Chomsky continua a afirmar:

“Put generally, the problems are beyond reach, it would be unreasonabable to pode the problem of how Jones decides to say what he says, or how he interprets what he hears in particular circumstances. But highly idealized aspects of the problema are amenable to study.”

(Chomsky, **The Minimalist Program** 1996:18)

A insistência na fala da criança enquanto empiria da aquisição da linguagem só poderá, contudo, render seus frutos se as questões que sua incompatibilidade com a teoria gerativa coloca, forem tanto reconhecidas quanto tematizadas.

Outro grande conjunto de questões suscitadas pelos trabalhos apresentados se recorta a partir da apresentação e discussão de pesquisas sobre a aprendizagem da língua materna na escola e a aprendizagem de língua estrangeira. Essa discussão girou, como o termo “aprendizagem” já o indica, sobre a atribuição ou não de uma função à Gramática Universal nesse processo. Em todos esses trabalhos e principalmente na conferência de Jürgen Meisel, a menção tanto de mecanismos indutivos quanto de estratégias específicas para a solução de problemas na compreensão e produção de língua estrangeira aponta para a possibilidade de relativizar o papel da GU ou de limitar sua funcionalidade à aquisição da língua materna.

Não há como negar que os problemas teóricos que podem advir dos resultados dessas pesquisas são no mínimo instigantes, como instigantes são as questões que emergem a partir da variação. Ambos dizem da importância do Encontro que teve a honra de encerrar.